



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10912 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

METÁFORA E FORMAÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO RICOEURIANO

Regiano Bregalda - UPF - Universidade de Passo Fundo

METÁFORA E FORMAÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO RICOEURIANO

É na obra *A metáfora Viva* de Paul Ricoeur que se encontra uma das mais instigantes abordagens acerca da criatividade e da imaginação. Os oito estudos que a compõe começam recuperando a retórica clássica, seguem uma abordagem da semiótica, passam pela análise semântica e finalizam na hermenêutica do texto. O que nos interessa neste ensaio é sobretudo este último aspecto apontado, a hermenêutica, uma vez que impulsiona ampliação das experiências que acontecem ao sujeito. Conforme o autor, as metáforas, textos literários, narrativas etc., são portadoras de uma pluralidade de compreensões, que somente são possíveis pela hermenêutica, aquelas que alargam o campo imaginário e criativo do ser humano, e, por isso, são *vivas*. Desse modo, nosso intuito é investigar em que medida a metáfora enquanto constituidora de mundos e que promove a imaginação e a criatividade, é portadora de uma noção renovada e alargada de formação humana.

A metáfora compreendida pelo viés hermenêutico, flexibiliza a linguagem e abre a possibilidade para o novo ou inesperado. Em outras palavras, ela possui a capacidade de redescrever 'a tensão da própria realidade', instigando a leitura e a gênese do novo. Esse novo é produzido pela imaginação criadora, que suspende a realidade natural e oferece condições e possibilidades de desenvolvimento de um mundo que é suscitado pela obra. Assim, a tarefa hermenêutica é descobrir esse mundo que a referência descritiva promove. Essa tarefa que é reflexiva, permite ao mesmo tempo que o sujeito interprete os diversos mundos que a metáfora oferece e, ao mesmo tempo se compreenda e se recria na leitura destes mundos.

É diante disso que postulamos a questão que orientará esse estudo, a saber, em que medida a metáfora, enquanto aquela que impulsiona a criação e a imaginação, possibilita a formação e a constituição de si-mesmo? Mais ainda, como a concepção da metáfora permite conceber uma noção renovada de formação humana? Nossa hipótese é de que a metáfora,

justamente por abrir espaço à imaginação e à criação, possibilita interpretar a si mesmo através dos diversos mundos que ela oferece. Enquanto criadora, a metáfora promove condições e capacidades ao sujeito para que ele possa atribuir sentido àquilo que lhe acontece, às experiências que lhe tocam. Essa capacidade imaginativa impulsionada pela metáfora, possibilita um olhar alargado às ações que os sujeitos desenvolvem no mundo, permitindo um repensar sobre si mesmo e a compreender-se como um ser inconcluso que se constitui ao longo da vida. A metáfora torna-se uma reflexão sobre si mesmo e seu lugar no mundo, oferecendo a cada sujeito a possibilidade de ler e interpretar aquilo que lhe acontece, suas experiências. É neste sentido que podemos postular que a metáfora, por abrir mundos possíveis de serem habitados, é portadora de uma noção alargada de formação humana como autoformação, portadora de uma dimensão formativa que conduz cada sujeito a reinventar-se e recriar-se no curso da vida.

Compreendemos que a dimensão formativa oferecida pela perspectiva hermenêutica da metáfora, desperta a capacidade criativa e imaginativa do sujeito e permite que ele signifique e ressignifique sua existência. Nesse sentido, a metáfora constitui o si-mesmo. Ela, como aquela que abre sentido para o imaginário, uma vez que suspende a realidade natural, conduz a interpretação de outros mundos possíveis. Sendo assim, ela faculta reinventar-se e recriar-se no espelho das palavras, que é sempre um espelho do mundo, das experiências, dos acontecimentos. Essa dimensão criativa da qual a metáfora é portadora permite e possibilita traduzir o mundo e as experiências ao ampliar e oferecer possibilidades de sentidos. Essa capacidade de traduzir o mundo na e pela linguagem permite ao mesmo tempo o reconhecimento de si, do outro e do mundo.

A metáfora funciona como uma hermenêutica da vida, mediadora entre a interpretação e a explicação. Ela pode ser compreendida como uma poesia do si, o que lhe insere numa dimensão de imaginação e abertura. Como afirma Ricoeur, “A poesia é mais do que a arte de fazer poemas, ela é *poiesis*, criação, no sentido mais vasto da palavra. É neste sentido que a poesia iguala o habitar primordial; o homem apenas habita quando os poetas são” (RICŒUR, 1969). É aqui que a nosso ver, encontramos a centralidade da dimensão formativa da metáfora. Ela permite interpretar mundos ao que facultam outras formas de ser no mundo. Ou seja, a metáfora abre percursos e universos no qual se pode interpretar, habitar e projetar a si mesmo. Ela oferece condições e possibilidades de ser no mundo, um mundo que é um constante desvelar-se, o que exige uma elaboração de si e do que lhe acontece ao longo de toda a vida. Com isso, ela se torna uma expressão do mundo, das experiências, enfim, de si mesmo. Como afirma Ricoeur,

A imaginação não apenas esquematiza a assimilação predicativa entre termos pelo seu insight sintético em similaridades nem simplesmente retrata o sentido graças à exposição de imagens provocadas e controladas pelo processo cognoscitivo. Ao contrário, contribui concretamente ao *epoché* de referência usual e à projeção de novas possibilidades de reescrever o mundo (RICŒUR, 1992, p. 155).

A metáfora, nessa perspectiva, não se limita a um discurso, mas aponta para a realidade, para o mundo acontecente, o que lhe possibilita um poder de revelar esse mundo. Enquanto poiesis da vida, abre caminhos à imaginação, aliás, “a imaginação proporciona *modelos* para ler a realidade de um novo modo, pela suspensão da referência direta do pensamento aos objetos do nosso discurso corrente” (CASTRO, 2002, p. 265). Sendo assim, a metáfora permite enfrentar a fixidez, o estabelecido, os vícios e os enrijecimentos da história. Ela rompe com o costumeiro, com o cotidiano, com o senso comum. Por isso, ela é uma capacidade que proporciona produzir um sentido novo que, por sua vez, é fruto da confrontação de vários níveis de significação. Nesse sentido, a metáfora busca colocar na linguagem o mundo e as experiências, para que através disso, possa compreender aquilo que ainda não foi visto, imaginado, criado. Ela desperta a reelaboração de mundos, sob o qual não podemos mais deixar de ser-sendo. A metáfora oportunizar recriar-se a partir das leituras de mundos que ao longo da vida cada sujeito vai trilhando.

A metáfora, por despertar a imaginação e a criatividade, cria sentidos e dinamizam nossa experiência, transformando ser e agir no mundo. Ela possui essa dimensão propulsora de produzir sentido e, afinal de contas, segundo Ricoeur, somos sentidos. São os sentidos atribuídos às experiências de uma vida que oportunizam a configuração e reconfiguração de si, e a metáfora, por despertar e ampliar a capacidade de ler e interpretar o mundo, é produtora de sentidos. Os sentidos que são promovidos através da perspectiva imaginativa e criativa da metáfora ampliam a capacidade humana de projetar-se no mundo do acontecimento e construir uma versão de si, que por mais que seja frágil, revela uma versão de si possível.

A metáfora como formadora de horizontes de sentidos abre o horizonte do sujeito para tornar-se mais, para compreender-se aberto, para compreender-se no mundo e na relação com os outros, sempre com capacidade e possibilidade de tecer-se e alargar-se. A imaginação que a metáfora desperta nunca é ensimesmada, de si para si. Ela requer reconhecimento, seja de si, seja do outro, seja do mundo. É a dimensão da alteridade que marca o ser no mundo e permite descobrir outras formas de ser e existir, afinal, o existir sempre se faz na relação. Conforme Ricoeur,

a imaginação, enquanto função mito-poética, é também a sede de um trabalho em profundidade que comanda as mudanças decisivas de nossas visões do mundo; toda conversão real é antes de mais nada uma revolução ao nível de nossas imagens diretrizes; ao mudar sua imaginação, muda o homem sua existência (RICŒUR, 1968, p. 130).

Este motivo revela uma dimensão determinante do papel da metáfora na formação humana, o de aprimorar a sensibilidade e a capacidade humana para o sentir, o imaginar e para o criar, a fim de promover a abertura do sujeito às inúmeras possibilidades de existir. A metáfora qualifica o sentir e faculta a atribuições de sentido ao viver, às experiências. Por estar ancorada no mundo da linguagem e por compreender que essa dimensão é que constitui

a formação da experiência humana, ou melhor, torna possível o humano, a metáfora, enquanto linguagem, desperta a cada um a desenvolver suas capacidades subjetivas e sociais, a fim de tornar-se sujeito. Ela, mais do que o texto em si, pode ser compreendida como o processo pelo qual o discurso libera o poder de “redescrever a realidade” (RICŒUR, 2015, p. 14), e ao redescrevê-la, possibilita que o si possa se elaborar e reelaborar. Ou seja, a metáfora constitui-se como formação do si, pois exige de cada um, um voltar-se sobre si e seu *ethos* onde a vida acontece. A metáfora busca trazer esse mundo das experiências à linguagem para significá-lo, compreendê-lo, criá-lo e nele habitá-lo. Pode-se dizer então, que a gênese e estrutura da metáfora são formativas.

A metáfora torna-se aquela que situa o sujeito no mundo, o permite tecer uma leitura sobre seu mundo acontecente. Ela ecoa mais do que puramente palavras, mas sentimentos que brotam do âmago do humano, e, pelo qual, constituem cada sujeito e o situam como um ser capaz de significar o viver. Mais ainda, a metáfora faculta a cada um a possibilidade de habitar um mundo que, por sua vez, é habitado por outros, o que marca a marcando sua dimensão de alteridade. A metáfora favorece a leitura de que o mundo é habitado por outras vozes e interlocutores, que atravessam a leitura que o sujeito tece de si mesmo. Nas palavras de Dosse,

A metáfora ‘deixa-dizer-se o vínculo ontológico de nosso ser com os outros seres e com o ser. O que assim se deixa dizer é o que chamo a referência de segundo grau que é, na verdade, a referência primordial. O ser não é considerado por Ricoeur no plano contemplativo ou puramente discursivo; estende-se para um fazer, para a formulação de motivações, de projetos nos quais se amarra a relação interna e íntima entre ação e imaginação: ‘Não há ação sem imaginação, diremos nós’. E também dá lugar a dois polos indissociáveis da imaginação social: a ideologia e a utopia (2017, p. 340).

É nessa perspectiva nos permite compreender que nosso interesse não é de pensar a metáfora apenas pelo viés literário, mas, sim, como um aspecto constituinte e formativo do humano. A metáfora permite não só recuperar a capacidade de ser no mundo de cada sujeito, como, principalmente, oportuniza a projeção de si para um futuro, e, conseqüentemente, alimenta a utopia. Afinal, a utopia liga o sujeito a um mundo compartilhado com outros, o que pressupõe uma perspectiva ética, visto ela ser fruto dos entrelaçamentos que o ser humano faz de si, com o outro e no mundo. A metáfora alarga, refina e amplia a capacidade imaginativa e criativa do si-mesmo, que faculta a ampliar sua visão de mundo como um todo. Enquanto aquela que recria o mundo, impulsiona o ser humano a ser-no-mundo, instigando a recriar-se constantemente. É por isso que segundo Ricoeur, a metáfora é viva, uma vez que por ela inscreve a imaginação e impulsiona para o pensar mais, para refletir mais, para interpretar mais. O poder formativo da metáfora, valendo-nos das palavras do próprio autor, pode ser assim apresentada:

ela não se refere mais à forma da metáfora como figura do discurso focalizado sobre a

palavra, nem mesmo somente ao sentido da metáfora como instauração de uma nova pertinência semântica, mas à referência do enunciado metafórico enquanto poder de “redescrever” a realidade. Essa transição da semântica à hermenêutica encontra sua justificação mais fundamental na conexão em todo discurso entre o sentido, que é sua organização interna, e a referência, que é seu poder de referir-se a uma realidade fora da linguagem. A metáfora apresenta-se, então, como uma estratégia de discurso que, ao preservar e desenvolver a potência criadora da linguagem, preserva e desenvolve o poder heurístico desdobrado pela ficção (RICŒUR, 2015, p. 13).

É por ampliar os horizontes do sujeito que a metáfora se torna viva. Ela oferece possibilidades de ampliação dos sentidos possíveis. É viva na medida em que permitem compreender as diversas situações que transpassam o viver, seja no agir, no fazer escolhas, no habitar o mundo. Isso deve-se ao fato de que a metáfora se funda nas e pelas experiências que atravessam a vida humana. Ela permite, assim, a produção de uma nova compreensão das coisas e da realidade, manifestando sua dimensão de abertura ao porvir, aquilo que ainda não é. Um traço que reporta a uma concepção ampla de formação como autoformação.

A metáfora é viva por trazer o mundo à linguagem, permitindo ao sujeito intuí-lo, imaginá-lo, criá-lo e recriá-lo, uma vez que permitem alargar constantemente os sentidos. “As metáforas vivas são metáforas de **invenção**, em cujo interior a resposta à discordância na frase é uma nova extensão do sentido” (CASTRO, 2002, p. 256–257). Ela oferece condições de elaboração da experiência e de mundos, o que é, em si, a elaboração de si mesmo. A metáfora permite um acesso privilegiado à compreensão de si ao ligar a questão semântica à questão hermenêutica. A metáfora, por ser uma hermenêutica da vida, faculta então a imaginação e a criação, ou seja, a projeção de novos mundo para se conhecer e habitar.

O vínculo da metáfora com a formação humana sustenta uma dimensão antropológica, fenomenológica e hermenêutica do si. A metáfora não constitui apenas uma dimensão metafísica ou intelectual do sujeito, mas se tece nas tramas humanas e sociais, das relações estabelecidas consigo com o outro e com o meio, constituída assim, pelas experiências que vive nesse emaranhado de significações (BREGALDA, 2021, p. 125). Ela apresenta uma possibilidade de o si interpretar e criar mundos, ou melhor, de criar a si mesmo, um si que embora sempre frágil e temporário, é a melhor versão possível de um sujeito alargado capaz de ser no mundo.

Ser no mundo, por sua vez, refere-se não apenas ao desenvolvimento de uma ou de um conjunto de capacidades, mas de todas as capacidades humanas, em todas as direções e sentidos. A metáfora por ser aquela que promove o alargamento dos sentidos possíveis, oportuniza conseqüentemente a possibilidade de o sujeito ser mais, ser capaz. Ser capaz é uma atividade, um percurso, uma trajetória que nunca cessa, ou seja, não há um ponto de chegada. Tornar-se capaz, é sempre um já e ainda não, visto sempre ser sujeito e, ao mesmo tempo, um si aberto a ser mais. Por isso, a metáfora como aquela que abre portas para entrar em diferentes mundos e tecer diversas leituras, oferece condições de acesso a si e ao mundo, possibilitando um olhar reflexivo e crítico, capaz de inspirar cada qual a reivindicar seu espaço e lugar no mundo. Mais ainda, a metáfora desperta a compreensão de que ninguém é

sozinho, portanto, é um ser de alteridade, que necessita do outro para constituir a si mesmo.

Pensar uma formação humana atravessada pela metáfora oportuniza compreendê-la não apenas como uma concepção individual de si sobre si, mas como uma formação porosa, que congrega a relação do sujeito com o meio, com o outro e com o mundo, ou seja, expandido em todas as direções. Trata-se de uma formação que desperta a imaginação e os sentidos, capaz de provocá-lo a desenvolver aptidões e capacidades em todas as extensões, tornando-o capaz de compreender seu lugar e agir no mundo. Denominamos essa concepção de autoformação compreendida como *Bildung*.

A metáfora, por ser aquela que desperta a interpretar as experiências, impulsiona à criação e a imaginação, facultando que o novo surja. Um novo que perpassa o reconhecimento de si, do outro e do mundo, portanto, ético. A metáfora, por ser viva, oportuniza elaborar a experiência, ampliar e alargar o espectro da vida democrática, da vida cooperativa e permite ao ser humano ‘ser no mundo’.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Imaginação. Criatividade. Formação Humana. Paul Ricoeur.

REFERÊNCIAS

AMALRIC, Jean-Luc. **Paul Ricoeur, l’imagination vive: une genèse de la philosophie ricoeurienne de l’imagination**. Paris: Hermann, 2013.

AMALRIC, Jean-Luc. Símbolo, metáfora e narrativa: o estatuto do ficcional em Ricoeur. **Paul Ricoeur: vida e narração**. In: WU, Roberto; REICHERT DO NASCIMENTO, Cláudio. Porto Alegre: Clarinete, 2016. p. 131–167.

BREGALDA, Regiano. **Sujeito, narrativa e capacidade: uma perspectiva renovada de formação humana a partir de Paul Ricoeur**. 2021. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/2155>. Acesso em: 15 abril de 2022.

CASTRO, Maria Gabriela Azevedo. **Imaginação em Paul Ricoeur**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: Os sentidos de uma vida (1913-2005)**. São Paulo: LiberArs, 2017.

RICŒUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

RICŒUR, Paul. **História e verdade**. Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forence, 1968.

RICŒUR, Paul. **Le conflit des interpretations: essais d'herméneutique**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

RICŒUR, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon (Org). **Da Metáfora**. São Paulo: PUC-SP & Pontes, 1992. p. 145–160.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. **Ipeidade e alteridade: Uma leitura da obra de Paul Ricœur - Vol. II**. Lisboa: Imprensa nacional, Casa da moeda, 2004(Universitária).